

XINGU

Tribos aderem ao ecoturismo

O Quarup, maior festa sócio-religiosa dos povos indígenas do Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso, poderá tornar-se um produto comercial para atrair turistas brasileiros e estrangeiros. A proposta partiu de algumas lideranças do Xingu, como a da tribo kamaiurás, e está sendo discutida pelo grupo técnico criado pelos ministérios do Meio Ambiente e da Indústria e Comércio que estuda alternativas para o ecoturismo na região amazônica. Os pacotes turísticos incluiriam, também, outras festas típicas das 16 etnias da reserva, que está localizada dentro da Floresta Amazônica.

Para os técnicos governamentais, a exploração turística da cultura do Xingu é viável. Contudo, o problema está na falta de consenso entre as tribos. Os kuikuros, que realizaram o Quarup no último domingo, não quiseram abrir a festa para o branco, por acharem que isso tiraria o seu lado sagrado de homenagear seus mortos. O responsável pela Coordenadoria de Assuntos Indígenas de Mato Grosso, Ademir Gudrin, apoiou a iniciativa mas ressaltou que a decisão deveria ser apenas dos índios, sem interferência da Funai e do Governo.

— O turismo no Xingu é uma coisa meio complicada e deve ser discutido com muita cautela, para não ferir a cultura e a sensibilidade dos índios — afirma Gudrin, que convive há alguns anos com os povos do parque.

Os kamaiurás aceitam explorar financeiramente o Quarup, cobrando US\$ 1 mil por pessoa — incluindo acomodação em um barracão já construído para os visitantes. As lideranças da tribo chamam esse tipo de comércio de “moitará”, que significa troca. O branco assiste a festa e dá sua contrapartida em dinheiro, que seria usado para a implantação de projetos de subsistência da tribo, como a pesca e o replantio de mudas de piqui, fruta típica da região.

Os kamaiurás construíram até uma pista para pouso e decolagem de aeronaves de médio porte, dentro da selva, imaginando o retorno financeiro do “moitará”. Suas li-



O Quarup poderá ser uma das festas incluídas nos pacotes

deranças apresentaram a proposta ao secretário estadual de Turismo, Carlos Avalone, que se entusiasmou com a idéia.

— O ecoturismo é viável no Xingu, onde as festas são maravilhosas e inesquecíveis. Mas é um turismo caro, pela distância do parque — afirmou Avalone. Os técnicos ministeriais, a Funai e o governo de Mato Grosso somente aprovarão a proposta indígena se houver a garantia de que a presença do branco nas festas não trará interferências culturais ao índio.

— No aspecto financeiro, como forma de garantir a subsistência das tribos, é uma alternativa interessante, mas é preciso muito cuidado para não afetar o lado cultural, que deve ser preservado — ressaltou Gudrin.

Para evitar concentração de grandes grupos de turistas na reserva durante as festas, a proposta inicial é de limitar o número de visitantes, que devem ser pessoas com alguma afinidade com as questões indígenas.

Esse turismo diferenciado, por seu preço, também restringiria o público interessado, segundo o secretário Avalone. Além da taxa de US\$ 1 mil, o turista terá que arcar com as despesas de transporte. Algumas aldeias estão localizadas a mais de 900 quilômetros de Cuiabá. (AJB)